

ACÇÕES PARA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO BRASILEIRO: PROJETO ATLAS DOS NAUFRÁGIOS DE INTERESSE HISTÓRICO DA COSTA DO BRASIL

RICARDO DOS SANTOS GUIMARÃES *

Breve panorama acerca do Patrimônio Cultural Subaquático no Brasil

A costa brasileira possui uma extensão de aproximadamente 8.500 km e o Brasil exerce jurisdição sobre a exploração e o aproveitamento dos recursos naturais existentes tanto na Zona Econômica Exclusiva (ZEE) quanto na sua plataforma continental, esta última, cujo os limites chegam a ultrapassar as 200 milhas náuticas. Esse imenso cenário marinho, além de possuir riquezas naturais, possui depositado em seu leito os restos de centenas de naufrágios ocorridos desde o início do processo de colonização europeia feita a partir do século XVI. Os naufrágios, na sua grande maioria, são como “cápsulas do tempo” que guardam a cultura material de sociedades organizadas do passado. Conforme Guimarães (2009: 28) a pesquisa realizada em sítios de naufrágios contribui para gerar conhecimento:

“...em diversos campos da ciência, não apenas o conhecimento de caráter especificamente histórico, mas marítimo-antropológico (relação do homem do mar com o simbólico, mítico), náutico-tecnológico¹ (arquitetura naval, construção naval, desenvolvimento e evolução de equipamentos de bordo), social (relação de poder dentro das embarcações), geográfico (relação homem-meio), entre outros”

Conforme estabelecido na Convenção da UNESCO² os naufrágios com pelo menos 100 anos, juntamente com os artefatos que compõem o contexto de deposição,

* Ricardo dos Santos Guimarães é pesquisador da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) - Licenciado em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP).

¹ Este tema pertence ao campo da arqueologia naval uma disciplina relativamente recente que estuda os navios antigos pela pesquisa e exame dos objetos remanescentes desses navios (OLIVEIRA, 1993:100, apud DOMINGUES, 2003: 27).

² Reunida em Paris de 15 de outubro a 3 de novembro de 2001 em sua 31ª sessão. Não ratificada pelo Brasil.

inclusive sua carga, são considerados Patrimônio Cultural Subaquático. Conforme a Carta do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS)³, sobre proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático, este pode ser entendido como:

...o patrimônio arqueológico que se encontra em um meio subaquático ou que tenha sido removido dele. Ele inclui os sítios e estruturas submersas, zonas de naufrágios, restos de naufrágios e seu contexto arqueológico e natural.

A Convenção das Nações Unidas para o Direito do Mar (CNUDM), em vigor desde 1994 e ratificada pelo Brasil, em seu Artigo 303º preconiza que “*Os Estados têm o dever de proteger os objetos de caráter arqueológico e histórico achados no mar e devem cooperar para esse fim*”.

Os sítios de naufrágios, certamente, são os que mais sofrem com ações criminosas e destruidoras dos caçadores de tesouro e suvenires. Até os dias atuais o interesse pelos navios naufragados, principalmente pelo valor da carga que transportavam, alimenta o sonho de enriquecimento ou de fama de caçadores de tesouros que em suas ações depredam os sítios arqueológicos submersos e comercializam o patrimônio cultural subaquático.

A concepção da Arqueologia para a realização de pesquisas embaixo d'água, que se espalhava rapidamente pelo mundo, excluía quaisquer iniciativas voltadas à exploração comercial do patrimônio cultural subaquático, fazendo com que vários países fechassem as portas aos seus renomados caçadores de tesouros. Ora, esses indivíduos, poderosos politicamente, proibidos de trabalhar em seus países, encontraram no Brasil, nos anos 1960/70 e início dos 1980, o verdadeiro paraíso, sem nenhuma resistência ou obstáculo para o desenrolar de suas atividades exploratórias (RAMBELLI; FUNARI, 2007:100).

Atualmente no Brasil o patrimônio cultural subaquático pertence à União sendo protegido pela Lei nº 7.542, de 26 de setembro de 1986, modificada pela Lei nº 10.166, de 27 de dezembro de 2000. A legislação atual é preocupante pois dá um tratamento diferenciado ao Patrimônio Cultural Subaquático em relação ao que ocorre com o patrimônio resgatado em terra, permitindo sua comercialização. A Marinha do Brasil (MB) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vêm trabalhando em parceria e adotando medidas em conjunto visando melhor proteger esse

³ Ratificada em Assembléia-Geral realizada na Bulgária em 1996.

patrimônio. Entre as medidas pode-se destacar a elaboração, em conjunto, de um substitutivo ao Projeto de Lei da Câmara nº45 (PLC-45) que dispõe sobre o patrimônio cultural subaquático. Tal projeto tramita no Senado Federal e se aprovado no Congresso será instrumento jurídico que disciplinará de maneira mais eficaz toda intervenção voltada ao patrimônio cultural submerso, principalmente proibindo sua exploração comercial. Além disso segue os entendimentos para assinatura pelos dois órgãos federais de um Acordo de Cooperação Técnica que visa a proteção do Patrimônio Cultural Subaquático (PCS).

No âmbito da Marinha do Brasil (MB) as preocupações com a proteção do patrimônio cultural subaquático levaram o Comandante da Força a determinar por meio de suas orientações (ORCOM/2010 e 2011) que esforços fossem empreendidos visando a criação de mecanismos que permitam a MB conhecer, e assim, melhor proteger a integridade do Patrimônio Subaquático em Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB).

Uma das medidas visando contribuir com a Autoridade Marítima na proteção do patrimônio cultural submerso é o projeto intitulado *Atlas dos naufrágios de interesse histórico da costa do Brasil* que tem a parte referente à pesquisa histórica conduzida pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

A proteção do patrimônio cultural subaquático garantirá que estudiosos possam realizar pesquisas sistemáticas nos sítios de naufrágios visando produzir conhecimentos, principalmente histórico. Tais conhecimentos podem ser devolvidos a sociedade seja por meio de publicações ou utilização museológica dos artefatos arqueológicos que porventura devam e venham a ser resgatados.

Outro ponto que deve ser levado em consideração é a possibilidade da utilização do acervo arqueológico subaquático e dos próprios sítios submersos no aproveitamento turístico. Segundo Scatamacchia (2005:83)

O uso social, dentro de um programa de turismo cultural, além de ser uma maneira de conservação do patrimônio arqueológico, significa também a introdução de valores e de aumento da qualidade de vida da comunidade que vive no entorno. Significa evitar o saque e a destruição – e o mais importante, um futuro sem passado.

Porém não se pode proteger o que não se conhece ou não se tenha uma idéia de onde se encontra, nesse sentido o Atlas pretende oferecer uma significativa contribuição.

O projeto Atlas dos Naufrágios de interesse histórico da costa do Brasil:

Visando atender a determinação do Comandante da Marinha, conforme citado acima, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha elaborou um projeto que com a colaboração da Diretoria de Hidrografia e Navegação pretende produzir um documento cartográfico, qual seja, um Atlas eletrônico contendo a localização e demais informações acerca dos naufrágios ocorridos na nossa costa, em princípio até o ano de 1950.

Intitulado *Atlas dos Naufrágios de interesse Histórico da Costa do Brasil* o projeto pretende, em cartas eletrônicas específicas, plotar locais ou áreas, com confirmada ou potencial presença de naufrágios. A finalidade é que tal documento cartográfico possa ser acessado, por meio eletrônico, pelos Distritos Navais, Navios Patrulhas, Capitania dos Portos, Agências e delegacias da Capitania dos Portos (enquanto agentes da autoridade marítima) para auxílio à fiscalização das atividades marítimas realizadas na costa. Este documento poderá atender também a necessidade de outros usuários como pesquisadores ligados a Universidades ou Institutos voltados a proteção do patrimônio cultural.

Cabe ressaltar que esse projeto não tem o objetivo de realizar a confecção de uma “**carta arqueológica**”, instrumento que necessitaria da elaboração de um projeto com realização de pesquisas arqueológicas *in loco* por equipe de especialistas. Porém, esse fato não impede que outros sítios arqueológicos como *sambaquis submersos* ou *sítios depositários*, conhecidos, também sejam plotados nas cartas que compõem o Atlas.

Metodologia e fases do Projeto:

A primeira fase do projeto, em andamento, é o da realização de pesquisa em fontes históricas (primárias e secundárias), e em publicações arqueológicas que tragam informações acerca de naufrágios ocorridos na costa brasileira até a primeira metade do

século XX. A escolha do ano de 1950, como limite ao corte temporal da pesquisa, permitiu a inclusão dos naufrágios ocorridos na costa brasileira durante a II Guerra Mundial, e também se aproxima do texto do PLC-45 que preconiza que os naufrágios ocorridos a mais de 50 anos serão considerados de interesse histórico e arqueológico.

Até o momento as pesquisas resultaram em um catálogo contendo o registro de 1.327 naufrágios ocorridos na costa brasileira, e esse número tende a aumentar com a continuidade das pesquisas.

A segunda fase do projeto será plotar em base cartográfica as informações que permitirão ao usuário localizar, em determinada área da costa brasileira a presença de:

- Naufrágios isolados;
- Naufrágios já pesquisados ou saqueados;
- Naufrágios com grande risco de saque;
- Outros tipos de sítios como Sambaquis Submersos e Sítios Depositários.

Abaixo pode-se observar o exemplo de uma tabela com o levantamento dos naufrágios ocorridos na Baía de Guanabara.

	SOCOBRO	TIPO	UF	LAT	LONG	BANDEIRA	ANO	OBSERVAÇÕES	FONTES
1	<i>Acefora</i>		RJ				1937	No cais do centro de Aviação Naval, na Ponta do Galeão - decisão 31-03-1937	6
2	<i>Afonso Pena</i>	<i>Dique Flutuante</i>	RJ				1941	Na Baía de Guanabara	19
3	<i>Alexandre</i>		RJ	22° 55'S	43° 12'W		1948	No Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4, 11
4	<i>Almoxarifado-3</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1960	Baía de Guanabara	4
5	<i>Alvaro</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1947	Foi a pique no Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
6	<i>Amazonas</i>	<i>Lancha</i>	RJ				1936	Perto de Niterói - Baía de Guanabara	4
7	<i>Amorins 3º</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1948	Na ilha do Governador - Baía de Guanabara	4
8	<i>Angrense</i>	<i>Patacho</i>	RJ			Brasil	1889	ilha Redonda - Baía de Guanabara	Of.
9	<i>Antuérpia 12</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1963	Atracado no Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
10	<i>Aprendiz Marinheiro</i>	<i>Patacho</i>	RJ				1893	Em frente a Fortaleza de Santa Cruz - Baía de Guanabara	4
11	<i>Arara</i>	<i>Guindaste flutuante</i>	RJ				1949	Baía de Guanabara	4
12	<i>Atrevido</i>	<i>Brigue</i>	RJ			Brasil	1827	Nas Ilhas Cagarras - Baía de Guanabara	Of.
13	<i>BCC-22</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1947	Baía de Guanabara	4
14	<i>BCC-36</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1943	No Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
15	<i>BEE-34</i>		RJ				1947	No Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
16	<i>Belmira</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1947	ilha de Santa Bárbara - Baía de Guanabara	4
17	<i>Bina</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1948	Na laje baixa do Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
18	<i>Bom Dia</i>	<i>Chafa</i>	RJ				1936	ilha do Governador - Baía de Guanabara	4
19	<i>Buenos Ayres</i>	<i>Mercante</i>	RJ	23° 31'56"S	43° 08'05"W	Alemanha	1896	Colidiu com a ilha Rasa - Baía de Guanabara	2, 4, 11
20	<i>Cabuço</i>		RJ				1942	Nas proximidades da ilha do Boqueirão - Baía de Guanabara	4
21	<i>Cambonhas</i>	<i>Cargueiro</i>	RJ	22° 58,089'S	43° 03,575'W	Argentina	1900		11, 12

46	<i>Lindóia</i>	<i>Escuna de guerra</i>	RJ			Brasil	1838	Costão de Santa Cruz, forte das Lajes – Baía de Guanabara	1, 11
47	<i>Loid America</i>	<i>Vapor</i>	RJ				1947	No Porto do Rio de Janeiro – Baía de Guanabara	4
48	<i>Loide-9</i>		RJ				1949	Perto da ilha de Santa Bárbara - Baía de Guanabara	4
49	<i>Lomba</i>	<i>Rebocador</i>	RJ				1949	Junto ao dique Rio - Baía de Guanabara	4
50	<i>Louzada</i>	<i>Chata</i>	RJ				1944	Na Baía de Guanabara	4
51	<i>Lufador</i>	<i>Pesqueiro</i>	RJ				1951	Entre as Ilhas Mãe e Menina – Baía de Guanabara	4
52	<i>Magdalena</i>	<i>Cargueiro</i>	RJ			Inglaterra	1949	Laje da Cotunduba, na Baía de Guanabara	2, 11, 12
53	<i>Madeira</i>	<i>Transporte</i>	RJ	22° 52' 15" S	43° 08' 25" W	Brasil	1895	A leste de Mocanguê Grande – Baía de Guanabara A fonte 11 indica o ano de 1893.	4, 11
54	<i>Mara</i>	<i>Catraia-lancha</i>	RJ				1939	Entre as ilhas Seca e Bom Jesus – Baía de Guanabara	4
55	<i>Maracaty</i>	<i>Catraia</i>	RJ			Brasil	1942	Nas pedras Manuéis de Fora, na Baía de Guanabara	4, 6
56	<i>Marapiá</i>	<i>Catraia-lancha</i>	RJ			Brasil	1940	Entre as ilhas Seca e Bom Jesus. Constam também os nomes "Marapoli" e "Maratona"	4
57	<i>Maria Cristina</i>	<i>Canoa de pesca</i>	RJ			Brasil	1939	Nas proximidades de Itaipu – Baía de Guanabara	4
58	<i>Marroquina</i>		RJ				1711	Ilha das Cobras, Baía de Guanabara	11
59	<i>Martha</i>		RJ			Argentina	1964	Perto da ilha do Engenho – Baía de Guanabara	4
60	<i>Mato Grosso</i>	<i>Chata</i>	RJ				1950	Próximo ao Forte do Imbuí – Baía de Guanabara	4
61	<i>Murtinho</i>		RJ				1941	Na Baía de Guanabara	4
62	<i>Murumbi</i>	<i>lote a motor</i>	RJ				1945	Próximo ao Boqueirão	6
63	<i>Noite</i>		RJ				1943	Naufragou a 3 milhas da Ponta das Ostras – Baía de Guanabara	4, 6
64	<i>Nuevo Colastin</i>		RJ	22° 53' 43" S	43° 10' 21" W		1896	Baía de Guanabara	11
65	<i>Nunca Pensei</i>	<i>Canoa de pesca</i>	RJ				1939	Nas proximidades de Itaipu – Baía de Guanabara	4
66	<i>Outro destino</i>	<i>Sumaca</i>	RJ				1858	Naufragou ao sair do Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
67	<i>Pará</i>	<i>Rebocador</i>	RJ			Brasil	1938	Incêndio a bordo naufragou na Baía de Guanabara - processo no. 247 D/O 14.3.1939	4, 6
68	<i>Patrão Mór Eduardo</i>	<i>Rebocador</i>	RJ				1949	Na manobra de desatracar nas docas do Lloyd – Baía de Guanabara	4
69	<i>Paul Jones</i>	<i>Clipper</i>	RJ			EUA	1918	Naufragou lançado pelo mar na Praia de Fora (atual Praia do Forte do Barão do Rio Branco) – Baía de Guanabara	4

70	<i>Pereira da Cunha</i>		RJ	22° 49' 48" S	43° 06' 27" W	Brasil	1894		11
71	<i>Petrolina</i>	<i>Chata-tanque</i>	RJ			Brasil	1947	Perto da ilha do Governador – Baía de Guanabara	4, 6
72	<i>Quinta</i>	<i>Barca</i>	RJ				1945	No calis da Praça XV de novembro - Baía de Guanabara	4
73	<i>Rainha dos Anjos</i>	<i>Nau</i>	RJ				1722	Ilha das Cobras, na Baía de Guanabara	11
74	<i>Rhône</i>	<i>Veleiro</i>	RJ			Portugal	1722	Na Baía de Guanabara	4, 11
75	<i>Riachuelo</i>		RJ				1904	Ponta do Matoso – Baía de Guanabara	11
76	<i>Rocales</i>	<i>Cúter</i>	RJ				1946	Nas proximidades da Praia de São João de Meriti – Baía de Guanabara	4
77	<i>Rose</i>	<i>Rebocador</i>	RJ			Espanha	1898	Ao atracar no Armazém nº 3 do Porto do Rio – Baía de Guanabara	4
78	<i>Rosenthal</i>	<i>Galera</i>	RJ			Inglaterra	1891	Na Praia de Piratininga, em Niterói – Baía de Guanabara	4
79	<i>São João</i>	<i>Chata</i>	RJ				1937	No Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
80	<i>São João da Barra</i>	<i>Chata</i>	RJ				1900	Próximo a ilha de Santa Bárbara – Baía de Guanabara	4
81	<i>São Jorge</i>	<i>Catraia</i>	RJ				1942	Colidiu com as pedras Manuéis de Fora - Baía de Guanabara	4, 6
82	<i>São Miguel</i>	<i>Barcaça</i>	RJ				1947	Naufragou próximo a Niterói – Baía de Guanabara	4
83	<i>Sarah</i>	<i>Barca</i>	RJ			Inglaterra	1937	No Porto do Rio de Janeiro - Baía de Guanabara	4
84	<i>Será 3ª</i>	<i>Chata</i>	RJ				1947	Naufragou depois de uma explosão no Porto do Rio - Baía de Guanabara	4, 6
85	<i>Sete de Setembro III</i>	<i>Encouraçado</i>	RJ				1893	Em construção, sobrou após saque e incêndio em frente a armação, na Baía de Guanabara	4, 11
86	<i>Solarina II</i>	<i>Chata Tanque</i>	RJ			Brasil	1935	Naufragou junto à ponte da ilha do Governador - Baía de Guanabara	4
87	<i>Theodora</i>	<i>Galera</i>	RJ				1935	Baía de Guanabara	3
88	<i>Valega</i>	<i>Chata</i>	RJ			Brasil	1949	Naufragou depois de abalroada na Baía de Guanabara	4
89	<i>Villa Nueva</i>	<i>Barca</i>	RJ			Espanha	1862	Submergiu em frente ao calis dos Mineiros – Baía de Guanabara	4
90	<i>Wilhelmina</i>	<i>Vapor</i>	RJ			EUA	1914	No poço da Guanabara – Baía de Guanabara	4

Abaixo segue as fontes citadas na tabela relativa aos naufrágios ocorridos na Baía de Guanabara:

Fonte 1: CASTRO, D. P. L. Desastres marítimos no Brasil. In: *Subsídios para a História Marítima do Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1938. v. 1.

Fonte 2: ARAÚJO, J. G. *Catálogo de naufrágios e afundamentos - Costa do Brasil de 1503 a 1995*. Salvador, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2001.

Fonte 3: HOCKING, C. *Dictionary of Disasters at Sea During the Age of Steam - 1824- 1962*. Londres, Lloyd's Register of Shipping, 1969. v. 1.

Fonte 4: BRASIL. Marinha do. Arquivo da Marinha. *Fichas de Naufrágios*. Rio de Janeiro, [19--].

Fonte 5: BOITEUX, L. A. Das nossas naus de ontem aos submarinos de hoje. In: *Subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro, SDGM, 1958. v. 17

Fonte 6: BRASIL. Marinha do. Seção de Jurisprudência e Documentação. *Anuário de Jurisprudência do Tribunal Marítimo*. Rio de Janeiro, 1934-1950. v. 2, v. 3, v. 4, v. 5, v. 6, v. 7, v. 8.

Fonte 11: ARAÚJO, J. G. *Catálogo de naufrágios e afundamentos - Costa do Brasil de 1503 a 1995*. Salvador, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Segunda Edição revista e ampliada, 2008.

Fonte 12: Naufrágios do Brasil. Disponível em: <www.naufragiosdobrasil.com.br>. Acesso em: 2010.

Fonte 13: Cadastro de Naufrágios do Brasil. Disponível em: <www.brasilmergulho.com/port/naufragios/navios/index.shtml>. Acesso em: 2010.

Bibliografia citada:

DOMINGUES, Francisco Contente. *Arqueologia Naval Portuguesa (séculos XV e XVI)*. Comissão Cultural da Marinha, 2003.

GUIMARÃES, Ricardo dos Santos. *A Arqueologia em Sítios Submersos: Estudo do Sítio Depositário da Enseada do Farol da Ilha do Bom Abrigo-SP*. São Paulo, 2009. 241fs. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP).

RAMBELLI, Gilson; FUNARI, Pedro Paulo. Patrimônio Cultural Subaquático no Brasil: algumas ponderações. In: *Praxis Arqueológica: revista de Teoria, Metodologia e política da Arqueologia*, Porto: Associação Profissional de Arqueólogos, p. 97-106, 2007.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. *Turismo e arqueologia*. São Paulo: Aleph, 2005.